

# HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA

Mulher de Lodório, imperador de Roma



LIVRARIA BARATEIRA - 34, R. do Duque, 36 - LISBOA

OBRAS Á VENDA NA  
**LIVRARIA BARATEIRA**  
**34, RUA DO DUQUE, 36—LISBOA**

**Publicações anuais:**

Agenda para algibeira, 2\$50. Almanach Borda d'Agua, \$50. Bloco calendario. Agenda de Escritório, 6\$00.

**Orações, a \$30:**

Anjo Custodio. Carta Milagrosa. Justo Juiz. Mulher das Montanhas. N. S. da Boa Viagem; N. S. da Conceição; N. S. de Fátima; N. S. de Lourdes; N. S. de Monserrate; N. S. da Saude; Rainha S. Isabel; S. Filomena; S. Rita de Cassia; S. Antonio; Senhor dos Passos da Graça; Paixão de N. S. Jesus Cristo.

**Colecção economica, a \$50:**

Fados e canções, Anedotas de Bocage, Livro dos Namorados, José Telhado, Diogo Alves, João Brandão, Livro dos Sonhos, Menino da Mata e seu cão Piloto, Urbino de Freitas, Incendio da rua da Madalena, Os crimes do Remexido, Antonio Silvino, Confissão do Vicente Marujo, Historia de João Soldado, Miguel de Vasconcelos, O livro de S. Cipriano, Oráculo do Destino, Arte de conquistar as mulheres. O crime de Augusto Gomes, Historias Maravilhosas, Quadras populares, Pedro-Sem, Sangue de Cristo, Saloiadas, Trovas para o povo, A Boneca Vianeza.

**Novela Sucesso, a 1\$00:**

*A madona do Convento*, por Manuel Ribeiro. *O caso do Pátio das Bichas*, por Henrique Roldão. *O presidente de Republica*, por Reinaldo Ferreira. *Dama de Oiros*, pelo Dr. Sobral de Campos. *A Cruz de Brilhantes*, por Norberto Lopes. *O vencido*, por Assis Esperança. *Memorias d'um hospede*, por Cristiano Lima. *O Trambôlho*, por Guedes de Amaral. *O Triunfo da Arte*, por Eduardo Frias. *Um caso de consciencia*, por Lourenço Cayola. *A Ruiva*, por Gomes de la Serna. *Nos braços da amendoeira*, por Mafalda Mouzinho de Albuquerque. *Historia macabra*, por Dionisio de Castro.

**Colecção selecta, (Edições de luxo com primorosas encadernações), a 3\$00:**

*Mocidade florida*, J. La Brète; *A rua escura*, A. C. Louzada; *Memorias dum doido*, por A. P. Lopes de Mendonça; *Corações doloridos*, G. Ohnet, *A casa dos fantasmas*, L. A. Rebello da Silva; *A Dama das Camellias*, A. Dumas, filho; *A ermida ãe Castromino*, A. A. Teixeira de Vasconcelos; *A orfã*, Jules Sandeau.

**Obras de M. Cardoso de Sá:**

Escrituração e Calculo Commercial, 5\$00; Exercicios Praticos de Escrituração e Calculo Commercial, 5\$00.

HISTÓRIA

DA

IMPERATRIZ PORCINA



LIVRARIA BARATEIRA

34 — RUA DO DUQUE — 36

Telef. T. 1264

LISBOA

# História da imperatriz Porcina

---

## Ludónio parte para Jerusalem e seu irmão pretende que Porcina o atraia

Houve, em Roma, um imperador chamado Ludónio que vivia feliz com sua mulher Porcina, a formosa filha do Rei da Hungria. Os primeiros anos do seu reinado assinalaram-se por uma época de prosperidade e, apesar da imperatriz não lhe ter dado um único herdeiro, essa circunstância não toldava de nuvens o céu da sua vida conjugal.

O caracter generoso do imperador sempre disposto a atender a todas as pessoas, que para elle recorriam, o escrúpulo, que punha nas suas decisões, os actos de justiça e de clemência, que praticava, haviam-lhe grangeado, muito legitimamente, a fama de justo, de bondoso e amigo do povo.

Por seu turno, a imperatriz graças a um profundo sentimento caritativo e piedoso, consagrando-se exclusivamente, em socorrer os desamparados e desvalidos, contribuíra, ainda mais, para aumentar o prestígio e a popularidade de Ludónio.

Em verdade, talvez mais do que a direcção dos negócios do Estado, as práticas de virtude dessa mulher excepcional, davam á vida do imperador um grande relêvo, tornando os soberanos adorados. Por este facto, Ludónio consagrava a Porcina um verdadeiro culto, pois reconhecia nela, além da amante sincera, casta e leal, uma alma extraordinária e sensível a todos os movimentos de piedade cristã.

Na côrte vivia um irmão do imperador, de nome Albano, que, em virtude do seu alto parentesco, disfrutava as simpatias gerais, acrescidas da grande afeição que Ludónio lhe consagrava, pública e notòriamente reconhecida.

Mas a sincera estima, a cega confiança do imperador pelo irmão eram mal empregadas, porquanto Albano ocultava um péssimo character. Logrando a boa fé de Porcina e a afeição de Ludónio, conseguira impôr-se tambem pelo bom lado. A imperatriz sobretudo pela sua bondade e candura, era incapaz de supôr mal do cunhado.

Corriam assim as coisas, quando o imperador decidiu fazer uma viagem á Palestina para se desobrigar da promessa que fizera de visitar os lugares santos.

Para êsse fim era necessário entregar as rédeas do govêrno á sua mulher que deveria substitui-lo auxiliada por Albano. E, tendo assim deliberado, comunicou a intenção a Porcina que, logo muito penalizada, deu curso ao pranto, por lhe custar tão longa ausência, durante a qual havia de curtir pungentes saudades.

No primeiro ímpeto tentou dissuadir o marido daquele projecto, mas, depois, teve de reconhecer que êle não podia deixar de cumprir os seus votos e conformou-se aparentemente, porque, no íntimo, doia-lhe muito a separação.

Mas isto não passou despercebido a Ludónio que, verificando com ternura esta prova de amor de Porcina, disse-lhe carinhosamente:

— Não vos lamenteis, amada minha e senhora. Bem avalío o que sentis, embora não mo queirais demonstrar. Não me tireis, porêm, a coragem, de que careço, para me decidir a separar-me de vós, pela primeira vez na nossa vida de casados.

Como ela tivesse encostado a cabeça ao peito de Ludónio, a fim de occultar, assim, a sua emoção,

ergueu-se com os olhos lacrimosos, e, fazendo por se tornar animosa,olveu :

—Mas eu não quero nem devo chorar, senhor e amado esposo. Ide cumprir a vossa promessa. De mim não ouvireis mais um queixume. E' o vosso dever. E, posto que isto me pese, eu vos animo a partir com a certeza de que vireis encontrar a vossa mulher sempre fiel e tão amante e dedicada como o tem sido até aqui.

— De bom grado, vos agradeço essas palavras ditadas pelo vosso grande e generoso coração. Entrego vos o govêrno do império que á vossa guarda e com o auxílio do meu amado irmão, ficará tão bem seguro como se fôsse nas minhas mãos.

E, estreitando-a nos braços, beijou-a concluindo :

—E, agora, senhora, ficai em paz.

—Que Deus vos proteja, vos salve e vos guie,  
— respondeu Porcina, separando-se, a custo do imperador.

Ludónio saiu da camara da imperatriz, onde esta curta e amorosa scena se desenrolára, para ir juntar-se aos homens da sua comitiva que o esperavam formados em frente de palácio.

Tinha pressa de se afastar, por supôr que, demorando-se, não haveria, depois, fôrças humanas que o arrancassem dos braços da esposa.

Do mesmo passo, Porcina tão depressa viu que o marido se afastava, desatou a chorar, não só por ser a primeira vez que ficavam separados, mas, tambem, porque um secreto pensamento parecia anunciar-lhe uma próxima desgraça.

Entretanto, o resto daquela tarde decorreu sem novidade e Porcina quando veiu a noite, recolheu-se, mais cêdo, aos seus aposentos.

Na manhã seguinte, á hora em que as áias de Porcina não costumam vir para a ajudar a vestir-se, Albano conseguiu introduzir-se na camara da imperatriz E, não lhe dando sequer tempo para se embrulhar,

cuidadosamente, num roupão, disse á cunhada num tom fóra do normal :

— Não estranheis, senhora, de que vos apareça, fazendo-vos esta visita tão matinal. Mas é que eu tinha necessidade de vos falar e não queria que ninguém me visse, porque, entre nós, deve ficar o que venho dizer-vos.

Escutando-o admirada, Porcina mal pôde cobrir-se com as roupas da cama, deixando transparecer na fisionomia a estranheza daquela aparição inesperada.

Albano, não a deixando reflectir, aproximou-se mais, tentando beijar-lhe as mãos, explodindo num desabafo amoroso:

— Senhora de há muito que a vossa formosura me trazia fascinado e rendido; mas, se era grande o amor, que me inspiraveis, o respeito, pelo facto de serdes mulher de meu irmão, impedia-me de falar.

Cresceu o espanto nos olhos de Porcina que, ainda nessa altura, parecia não ter compreendido o que ouvira ou por não se julgar completamente acordada, motivo por que passou as mãos pela frente.

Aproveitando dêsse natural aturdimento, Albano prosseguiu mais ousadamente do que a princípio:

— Mas calar-me, agora, não podia. Esta paixão, que por vós sinto, vai do entusiasmo à loucura.

E, querendo juntar o acto ás palavras, procurou beijar a imperatriz que, mais senhora de si, afastando o por um gesto, disse com energia :

— Calai-vos, traidor!

Mas o impudente Albano, não obedecendo a esta intimação, redobrou com mais violência :

— Não me calarei, sem vos declarar que, tomando esta resolução, bem sei a quanto me arrisco; mas estou disposto a tudo, até a morrer, porque a morte prefiro á ansiedade terrível de vos possuir, porque vos amo perdidamente.

A imperatriz, por sentimento de pudor ou para evitar que as camareiras pudessem ouvi-la, estranhan-

do aquela entrevista fóra das horas protocolares, voltou com severidade, mas baixando, um pouco a voz :

—Retirai-vos e não torneis mais a aparecer-me. Fingindo não ter ouvido a admoestação, Albano tornou:

—Não me condeneis sem me ouvirdes o que ainda falta para dizer. Dirijo-me, agora, ao vosso coração, confiado em que tereis piedade de mim, como o tendes de tantos desgraçados e famintos que socorreis com a vossa infinita misericórdia. Considerai ainda que sou mais desgraçado do que qualquer deles, porque a nenhum negais esmola e a mim não me concedeis o perdão por vos amar até ao delírio, como um criminoso. Bastaria o facto de estar aos vossos pés prestes a cometer um crime (que a tanto desce um homem, quando ama uma mulher) para merecer, ao menos, a vossa compaixão.

—Calai-vos, se não chamo as minhas áias!

E, Porcina dispunha-se a envergar um roupão para sair do leito, quando Albano, percebendo essa atitude, que o podia perder, estendeu a mão para evitar tal movimento, exclamando :

—Ouvi, senhora! Eu sou um homem perdido e, como tal, vos peço que reconsideréis, a fim de evitar dano maior... Reconsiderai. Aceitai o meu amor. Eu tomarei conta do império, na qualidade de vosso esposo. Quanto a meu irmão, fácil me será desfazer-me d'êle; mando um emissário envenená-lo no sítio onde se encontra. Vêde bem, senhora! a que chega um homem que está completamente cego de amores, desvairado e impotente para se dominar. Não estranheis que, desta maneira, nenhuma consideração me detenha, mesmo perante vós!

Ruborizada pela vergonha, sacudida pela indignação e pelo ódio, Porcina ergueu-se na cama e, como estátua de pudor ofendida, num gesto imperativo indicou-lhe a porta.

— Sai imediatamente, se não chamo os guardas

em meu auxílio! A vossa presença, tanto que um momento seja a mais, me dará a ideia de um século de injúrias. Enganastes-vos, supondo me capaz de atraiçoar os sagrados juramentos de fidelidade a meu marido e senhor!

Era tão clara e formal a intimativa que Albano deu-se pressa em obedecer com receio de que ela chamasse pelas áias e criados.

E, dirigindo se para os seus aposentos, ia ruminando projectos de vingança para se recompensar do desaire que não previra que fôsse tão completo.

Agora a sua cobiça transformara-se em ódio mortal.

Mais indignada do que ofendida com o procedimento de Albano, que não podia atingir a sua dignidade, a imperatriz resolveu calar-se até ver qual a deliberação que lhe convinha tomar.

Através dos corredores do paço, Albano não encontrou ninguém e esta circunstância parecia-lhe favorável aos fins que tinha em vista. E, quando se recolheu, a sós dava tratos á imaginação para achar uma forma hábil, fôsse qual fôsse, para se vingar da cunhada, cujo desprezo lhe havia de fazer pagar cruelmente.

Depois de cogitar, acudiu-lhe, então, a ideia de entrar, de madrugada, na alcova real, amordaçá-la e satisfazer depois os seus apetites e desejos sensuais. Mas, para consumir a vil proesa, precisava de um cúmplice que havia de escolher de entre os pagens que a serviam. Lembrou-se de um que, decerto, estaria disposto a auxiliá-lo. Mandando-o chamar, comunicou-lhe os seus ruins instintos.

O pagem ouviu, em silêncio, os pormenores da cilada e fingiu que concordava no que ouvia; mas, d'aí a pouco, logo que a ocasião se proporcionou, foi ter com a imperatriz a quem, de modo nenhum, queria atraiçoar, — pois se lembrava dos grandes beneficios que recebera dela, — e contou-lhe os sinistros manejos que o seu cunhado tinha urdido para aquella noite.

Assim que tudo ouviu, Porcina deu imediatamente ordem de prisão contra Albano, recomendando, porém, ao comandante dos guardas que procedesse de forma que o facto não fôsse divulgado para evitar os comentários da côrte.

E Albano foi encerrado, secretamente, na torre do palácio.

### Vingança sôbre traição

Quando Ludónio partiu de Jerusalem, dirigindo-se a Roma, teve o cuidado de enviar um arauto adiante para prevenir a imperatriz da sua chegada.

Esse arauto chegou alguns dias antes com a notícia de que a viagem tinha corrido sem accidentes, estando o imperador de perfeita saude. Porcina ficou tão radiante com a boa nova que, em sinal de regosijo, mandou que se promovessem grandes festejos nas ruas da cidade, a fim de que o imperador se sentisse envolto numa atmosfera de carinho e de alegria.

E, como lhe aprouvesse ter um acto de grande clemência, decidiu ella própria ir soltar Albano da prisão. Ao dar-lhe a liberdade, disse-lhe :

— Resolvi soltar-vos para festejar o regresso do meu amado esposo e vosso irmão. Esqueçâmos o passado. Estou convencida de que, durante o vosso captiveiro, tomastes arrependimento do mau juizo a meu respeito. Eu vos quero perdoar em meu nome e no daquelle que amo como leal e dedicada esposa.

Albano que, na prisão, aviventara mais ódio pela cunhada, murmurou algumas escusas hipócritas, enquanto Porcina, ingenuamente convicta de que elle se arrependera, continuou :

— Aqui tendes êste roupão, todo bordado a oiro, para irdes, com elle, ao encontro do vosso irmão. Ide adiante e, da minha parte, o deveis saudar. Cá dentro dos muros da cidade, tudo estará preparado para o receber com pompa e aprazimento. Espero que sejais

do meu aviso, folgando, também, com esta determinação, como o povo folgará pela vinda do seu imperador.

Pareceu á imperatriz que Albano ficára sensibilizado com esta prova de generosidade, em virtude da qual ela evitava de contar o que se passou entre ambos. Êle, porém, mal se pilhou em liberdade, vestiu-se, não com o gibão doirado — rico presente da imperatriz — mas com trajo de nôjo, mandando também ajaezar o seu cavallo de luto.

Feitos êstes preparativos e disfarces, em segrêdo, montou no ginete com o propósito de se avistar, com o irmão, a grande distância de Roma, porque isso convinha aos seus fins diabólicos.

E, cavalgando a toda a brida, conseguiu, ao cabo de um dia, alcançar a comitiva imperial, a muitas léguas da cidade.

Ao ter conhecimento de que Albano vinha ao seu encontro, o imperador sentiú tamanho contentamento que nem sequer atentou no modo como êle trajava, gritando-lhe, já de longe, com a ansiedade e o prazer de o avistar:

— Sêde bem vindo, meu bom e amado irmão! Trazes-me novas da imperatriz e minha querida esposa? Como passa ela na sua preciosa e importante saude?

Albano deixou primeiro que Ludónio reparasse no seu aspecto entristecido, no rigoroso trajo de luto, que o cobria da cabeça aos pés, e, depois de lhe ter provocado a atenção para êste ponto, disse, pausadamente:

— Reparai, senhor, nã maneira como me apresento para, desde logo, poderdes medir a extensão da tristeza e dor que me acompanham.

Mudou logo o semblante do imperador que até ali se mostrara prazenteiro, exclamando:

— Que vejo, querido irmão? De luto vestido? E' morta, por desgraça, minha amada esposa?

E Albano, numa expressão de falsa amargura, retorquiu:

— Antes o fôra, senhor! Prouvera a Deus que essa

calâmidade não fôsse excedida, para não terdes de receber mágua mais profunda no vosso coração de homem e de esposo.

Estas palavras foram pronunciadas num tom de tanta tristeza e solenidade que Ludónio, verdadeiramente sucumbido, bradou já apressivo :

— Fala ! Fala, depressa, amado irmão! — que me estás mortificando. Sinto-me desfalecer só de pensar no que, decerto, me pretendes poupar !

— Na verdade, senhor, bem fornecido precisais estar de coragem para ouvirdes a minha narração que, por simples, como é, não deixa de conter uma espantosa acumulação de miséria. Nem sei de vergonha como a diga. Só o alto respeito, que vos tenho, e a infinita afeição, que vos consagro, me dão ânimo para tanto !

E, dando ao rosto uma expressão dolorida, como quem evoca um facto tenebroso, passou a mão pelos olhos, onde assomaram duas lágrimas, prosseguindo depois com lentidão :

— Imaginai, senhor ! o meu sofrimento de longos meses, encarcerado, chorando, de dia e de noite, á espera do vosso regresso ! Sim, só com êle é que findaria o meu martírio, tanto maior quanto era certo estar eu inocente da culpa de que me acusaram ! Tomo a Deus por testemunha da minha desdita que, tambem, deve ser a vossa, quando a conhecerdes !

— Mas que é, meu irmão ! — exclamou Ludónio cada vez mais surpreendido. Conta, conta o que tanto te affige e tortura e que já me pesa, sem o saber !

— Que fará depois de analizardes a sua enormidade !

— Não mais delongas, amado irmão ! Estou inquieto. Fala !

Entendeu o perfido Albano que era mister preparar melhor ainda o espirito do irmão e, por isso, aconselhou-o :

— Chegai mais para junto de mim, o vosso cavallo. O que vou relatar-vos carece de ser proferido em voz

baixa, de modo que mais ninguém possa sequer suspeitar do que se trata.

E, como visse Ludónio abeirar-se mais dele, predisposto já a receber, no ouvido, o venêno que lhe queria deitar, tornou com gravidade:

—Estareis, de facto, preparado para receber um duro golpe?

—Por Deus, irmão, que me impacientas!

— Confesso, senhor! que bastante me penaliza ter de vos afligir, mas, como assim é necessário, perdoai-me! De antemão vos peço que me perdoeis a dor que vos vou causar.

Uma suspeita, veloz, como um ráio, atravessou o espírito de Ludónio, perguntando fóra de si:

-- E' de minha mulher? De Porcina?

— Se não pronunciásseis primeiro o seu nome, eu não me atreveria a fazê-lo!

—Explica-te, irmão!

Vendo Albano o efeito até ali produzido, quiz ainda tirar partido das suas palavras, pondo nelas a maior comoção:

—No próprio dia da vossa partida, de noite, á hora em que tudo jazia em silêncio no palácio e, quando eu supunha com profundas razões, que minha augusta cunhada, cárpia, na sua alcôva, a vossa ausência, com assombro, (ai não sei de horror maior) vi que ela entrava, de mansinho, em bicos de pés, nos meus aposentos. E, não me deixando sequer expandir a minha admiração, abeirou-se do meu leito, pôs-me um dêdo nos lábios para que eu não falasse. Imaginai como eu não fiquei, vendo a primeira mulher do império, a santa esposa, a caridosa imperatriz, por quem todo o povo de Roma se deixaria matar, se tanto fôsse preciso, ali, naquela situação! Eu via e não acreditava que, realmente, estivesse, á minha beira, a protectora dos desvalidos, o anjo da caridade, afamada pelas suas virtudes, pela sua dedicação, a desafiar-me para cometer um crime repugnante, de traição, como era aquele

de ofender um marido leal, o chefe do império um irmão querido! Considerai ainda de que falas pérfidas se serviu a serpente do mal para tentar um homem desprevenido que tinha essa mulher na mais alta consideração! Se tal vos acontecesse, decerto, duvidarieis, como eu duvidei, julgando-me vitima de um pesadêlo. Mas não era, infelizmente. A desoladora verdade estava patente, em toda a sua cruel significação. Ai, como eu desejaria nesse transe, bem amargo para mim, ter-me sumido pelo chão abaixo, a fim de não escutar a sua voz com todas as doçuras para me dominar, todos os gorgeios para me iludir e todas as carícias para me vencer! Depois, ajuntou a soluçar, num tom que estarecia as pedras, que nunca vos tinha amado, que vos detestava e aborrecia e que era infinitamente desditosa por ser obrigada e compelida a mostrar-se dedicada durante dois anos. Que, finalmente, tal união não podia ser mais desgraçada, pois que dela não houvera filhos. Por isso, buscava marido que lhos dêsse, porque, a vós, só por desgraça, pela fôrça do destino, pela fatalidade e conveniências de Estado vos tinha suportado como marido. E, como se tudo isto não fôsse tremendo e pavoroso, revelou-se então, em toda a sua hediondez e perversidade. Estava na disposição de vos envenenar, com peçonha, no dia da vossa chegada de Jerusalem. Para isso prometia-me o que só uma mulher de tanta perfídia é capaz de prometer, o seu amor para com ela me casar, tomando conta do império. Tal era a torpeza que ela vinha propôr-me sem se lembrar da altivez da minha raça, do prestígio do meu nome e da situação que junto de vós disfruto. E, como eu indignado a repelisse, cheio de repugnância, tomou-se de tremenda ira, que saiu, ameaçando-me com o seu poder. Apesar de tudo, não acreditei, Senhor, que ela levasse, por diante, a sua maldita acção. Mas não era passada uma hora já eu tinha a confirmação de que a sua negregada ira não se aplacára, porque me mandou encerrar na torre do palácio. Eis

aqui o motivo porque, há mais tempo, não me fui de longada por êsses caminhos, voando até junto de vós, para vos avisar do perigo que podia correr a vossa vida, se fosseis cobardemente atingido. Não era para admirar que esta mesma conjura fôsse proposta a outro homem que, sem os meus escrúpulos, sem o meu affecto por vós, a aceitasse movido pela ambição de ser imperador de Roma!

A custo Ludónio se havia mantido sereno, no decorrer da última parte da narrativa, de sorte que ao terminar Albano a infame acusação, resvalou do cavalo caído no sólo sem sentidos.

Correram os homens de armas a erguê-lo do chão, não sendo pequeno o esforço para o fazerem voltar a si da estranha comoção que tivera.

E, quando ao cabo dessas tentativas, Ludónio recuperou as suas fôrças, viram no tomar um aspecto ferez, dando várias indicações no sentido de não entrar na cidade em ar de triunfo.

O imperador fez sentir que não queria que dessem pela sua chegada. Dividiu os homens da sua comitiva, recomendando-lhes que seguissem, separadamente uns dos outros, e ficou no campo, apenas, com quatro dos seus familiares.

Ao mesmo tempo chamando, de parte tres sicários instruiu-os na melhor maneira de entrarem no paço; arrebataram, á força, a imperatriz para um sítio distante e deserto. Ali, deveriam matá-la sem mais hesitações, enterrando-a depois, com os vestidos que ela levasse. Esta ordem deveria cumprir-se sem a menor alteração; sob pena de serem enforcados, se tal não praticassem, ou se fosse alterada em qualquer sentido.

## Porcina escapa da morte e de um acto canibalesco para se envolver noutra aventura desgraçada

Chegados a um bosque espesso, não longe do caminho por onde transitavam os peregrinos de Jerusalem, os tres sicários depuzeram, no chão, o precioso fardo que traziam.

Era a formosa Porcina que êles haviam conduzido até ali amordaçada, de braços e mãos ligadas.

Assim que a infeliz senhora se viu aliviada da mordaaça e com as mãos livres, juntou-as e, erguendo para o céu os olhos marejados de lágrimas, implorou a compaixão divina. Mas não soltou um queixume contra os seus algozes, nem uma censura pela injusta decisão do marido e nem um protesto pela forma como fôra caluniada, decerto, pelo cunhado. Pelo contrário, murmurou numa prece :

— Senhor ! perdôo a meu marido, porque foi enganado e perdôo a seu irmão pelo arrependimento que há de ter de todo o mal que me fez ! Livrai-os, meu Deus, de tudo quanto ainda lhes possa acontecer, assim como rogo e imploro que me perdoeis os meus pecados !

Neste meio tempo, os algozes haviam entrado em larga discussão, porque um dêles alvittrara a ideia de violarem Porcina, antes de lhe darem a morte.

— Que mal, há nisto, se temos que a enterrar ? — dizia aquele a quem aludira o sinistro intento.

— Razão é de sobejo, — exclamou o segundo. — Gozemos, primeiro que os bichos da terra, as delícias do seu corpo.

E o que até ali parecia ter ficado imperturbavel, regougou :

— E é aproveitar a ocasião, que outra não nos torna a aparecer neste mundo. Quem há de ser o primeiro ? Tiremos sortes !

Mas um dêles, o mais cobiçoso tinha-se já apode-

rado da imperatriz, tentando rasgar-lhe os vestidos na pressa de a ver nua. Então, Porcina, contendo-o nêsse ímpeto, graças ao seu grande poder moral, disse-lhe :

— Não junteis ao crime de imolar uma inocente, a vileza de lhe manchardes o corpo. Matai me, como vos ordenaram, mas não me deshonreis, que Deus vos punirá severamente.

O scelerado hesitou um instante, mas, depois prosseguiu na sua tarefa, já então auxiliado pelos outros, a fim de dominarem a imperatriz, que lutava e esbracejava para defender a sua honra, gritando, ao mesmo tempo, com toda a fôrça de que eram susceptiveis os seus pulmões.

Os gritos lancinantes ecoavam na noite sombria.

Súbito ouviu-se o estrépito de cavalos a distância e logo mais perto. Os miseráveis entreolharam-se, indecisos num momento de surpresa e de receio.

Vinha clareando a manhã.

De repente o local foi cercado por um grupo de homens que, de todos os lados, tinham acudido aos brados da vitima.

Pertenciam ao séquito do conde Clitâneo que regressava de uma peregrinação de Jerusalem.

E apercebendo-se êle, num volver de olhos, do que os bandidos estavam fazendo a uma desprotegida mulher, ordenou que os rechaçassem, pelo que logo ali foram mortos.

Ao ver-se liberta, a imperatriz apressou-se a agradecer ao inesperado salvador. E o conde, maravilhado pela formosura da desconhecida, atentou nos seus riquissimos vestidos. Depois quiz, naturalmente, saber o motivo por que ela se encontrava naquela desgraçada aventura e perguntou-lhe com extrema galantaria :

— Desculpai, senhora ; mas disse-me, por que vos achais em tão má companhia ? Vós sois, decerto, dama de alta linhagem ?

A imperatriz, desejando conservar-se incógnita, respondeu com muita polidez e dignidade :

— Sou uma infeliz mulher, vítima de uma falsa acusação pela qual perdi meu grande valimento. Mas ficai certo, senhor, de que sou digna da vossa protecção. A' vossa guarda me confio. Se quizerdes fazer-me a graça de me levar convosco, prometo que vos servirei como escrava obediente e submissa. Rogo-vos, porém, a mercê de respeitardes a minha reserva, porque nada mais vos posso dizer. Se isto basta e apraz á vossa generosidade e bizzarria de fidalgo, grande alegria me dais.

Ouvindo estas palavras, que revelavam um cunho de grande distincção, o conde redobrou de sollicitudes e de atenções para demonstrar á desconhecida a sua largueza d'ânimo e nobreza de trato que eram a forma mais gentil de corresponder ao apelo que ella lhe fizera.

Em seguida, ordenou a marcha. Deu á imperatriz a melhor montada e, cavalgando ao lado de Porcina, pela forma airosa e esbelta, como ella montava, mais se radicou no seu espirito a ideia de que consigo ia uma dama de grande nobreza.

Quando chegou aos seus domínios, o conde apressou-se em apresentar a desconhecida á condessa, contando-lhe as trágicas circumstâncias em que encontrára tão interessante figura de mulher.

A condessa acolheu a recém-vinda com grandes demonstrações de bondade e de simpatia, pelo que Porcina lhe beijou as mãos, movimento que a mulher do conde não pôde evitar.

Não tardou em estabelecer-se entre as duas senhoras uma amizade de irmãs. A condessa Sofia nunca dispensava a presença da sua nova amiga em todos os folguêdos e distrações. Não comia, não passeava sem ter por companheira a imperatriz e, finalmente, como pessoa de estima, entregou-lhe os cuidados de um filhinho de colo que passou a dormir na cama de Porcina.

Tinha o conde um irmão que ficou, verdadeira-

mente impressionado pela formosura da imperatriz, quando a viu, pela primeira vez, entrar no castelo.

Natao era o seu nome.

De dia para dia, essa impressão foi-se desenvolvendo e aumentando, a ponto de se converter em amor ardente. Contudo, Porcina não tinha contribuído para tanto nem lhe dera o mais subtil pretexto para que elle pudesse alimentar qualquer esperança a seu respeito.

Mas Natao, não podendo calar por mais tempo a sua paixão avassaladora que, não obstante, de todos occultara, incluindo a própria imperatriz, decidiu-se a fazer a confissão dos seus arroubos á amiga da sua cunhada.

Deparou-se-lhe essa oportunidade numa tarde em que a condessa dormia a sesta e o conde tinha saído para fóra do palácio. E, sem mais rodeios, assim lhe falou:

— Senhora! desde que vos vi entrar nesta casa, não mais logrei uma hora de sossêgo, tal é o sofrimento que de mim se apossou, com o receio de que não me atendessem, aplacando a fôrça do meu penar. Em troca de tanto que vos quero, deixai-me beijar vossas mãos peregrinas. Prometo vos que vos servirei como o mais fiel dos vossos admiradores.

E, dizendo isto, tentou pegar-lhe nas mãos, ao que Porcina obistou, com enfado, exclamando:

— Se eu não olhasse ao mau efeito que isto produz, acreditai, senhor, que iria já revelá-lo a vossa cunhada e ao vosso irmão, porque ambos em mim depositam tanta confiança. Não vos assiste o direito de perturbardes a minha existência com mais amarguras do que as que hei sofrido até aqui. Deixai-me em paz, que não vos fiz mal nenhum e não volteis a importunar-me.

Depois, altivamente, retirou-se para a sua alcova, deixando Natao descoroçoado e de cara á banda. Mas, passado aquele aturdimento, afastou-se furioso, resmungando improperios contra a desventurada Porcina que não dera azo a tamanhos despropósitos.

O resto da tarde passou-o a conjecturar ardis para se desferrar do modo arisco como fôra tratado pela hóspeda e amiga da cunhada. E, de noite, quando todos estavam recolhidos, pôs-se á espreita, a fim de executar o plano que traçára. Para isso, tinha que esperar que Porcina se deitasse.

Como de costume, antes de adormecer, a imperatriz, concentrando-se nos seus íntimos pensamentos que a ninguém confiava, para não dar-se a conhecer, fazia oração, rogando a Deus a proteção a seu marido que tão injusto fôra com ela, sem atender ao passado de dedicação e amor. Pedia, igualmente, perdão para o crime de seu cunhado, porque, na sua alma, não se abrigavam ódios nem rancores contra ninguém. E, quási sempre, essas piedosas orações terminavam por copiosas lágrimas que, no recôndito do seu quarto, áquelas horas altas ninguém ia perturbar com interrogações indiscretas e dolorosas para ela.

Naquela noite, porém, vencida pelo cansaço, adormeceu pouco depois de se deitar, deixando a candeia acêsa para acudir á criança que, muitas vezes, chorava por qualquer motivo.

Quando Natao, do seu esconderijo, percebeu que Porcina estava mergulhada no sono, foi se á porta, tirou-a dos gonzos, para o que se havia munido de um ferro que servia de alavanca, e penetrou no quarto.

Em seguida, com uma grande faca afiadíssima, degolou o menino e, pondo o cabo nas mãos de Porcina, saiu, tendo o cuidado de deixar a porta como estava antes de entrar no quarto.

O sangue do anjinho, escorrendo sôbre o rôsto da imperatriz, fe-lâ acordar em sobressalto. E, ao deparar-se-lhe aquele macabro quadro, desatou em altos berros, revelando uma extraordinária aflição.

O conde e a condessa correram ao quarto de Porcina para saber do que se tratava e Natao compareceu logo tambem.

Não atinavam os dois esposos com uma forma de

acusação contra a imperatriz que semelhava a estátua do espanto, porque, depois de ter gritado por socôrro, se ficára muda e hirta. Mas Natao chamou-lhes a atenção para o facto da porta não mostrar o menor vestígio de arrombamento e lembrando que a faca tinha sido encontrada nas mãos de Porcina.

Era, por isso, de parecer que só ela teria cometido o infanticídio. E, fingindo-se compungido, pegou no corpo da criança, lamuriando-se em alta voz :

— Que mal farias tu, inocentinho, para assim te degolarem ! Meu desgraçado sobrinho ! Meu amor ! Eras o orgulho da nossa família, o enlêvo do teu pai e a luz dos olhos da tua mãe ! Morte seja dada aquela que te matou !

Querendo achar uma explicação, o conde e a condessa consultaram-se com um olhar, porque lhes parecia impossível que a imperatriz praticasse semelhante infâmia. Mas a atitude dela tinha qualquer coisa de comprometedor, porque, entrincheirando-se num mutismo glacial e estranho, não pronunciava uma palavra, não tinha sequer um gesto de defeza.

E de que lhe servia falar ? Quem a acreditaria ? Não era ela uma intrusa naquela casa e de quem, facilmente, podia suspeitar-se ? Estava escrito : — os factos perdiam-na irremessivelmente no conceito daquela família, em cujo seio tinha sido tão bem acolhida ! Implacavelmente, Natao voltava ás suas arremetidas contra a infeliz, exclamando :

— Ninguém mais podia ser ! Sabe-se lá o fim que ela tinha em vista. Provavelmente, ámanhã seria a minha cunhada para ficar sózinha em campo ! Lembrem-se de que é uma aventureira que meteram dentro de casa. Foi ela quem decepou a cabeça do menino. E, se não, vejam como nem sequer profere uma palavra para se justificar, para se defender ! Que para isto não há defeza possível. A morte é o que ela merece ! Encarreguem-me de a matar, que eu não hesitarei um instante em lhe fazer o mesmo que ela fez ao inocentinho.

Apesar da fôrça dêstes argumentos terriveis, a condessa não se dava por convencida. No íntimo duvidava e, chamando o marido de parte, aconselhou o nestes termos :

— Não acredito que ela tivesse cometido êste bárbaro crime.

— Mas porque é que ela não fala ?

— Deve ter emudecido de assombro. Entendo que não lhe deves dar a morte.

— Nêsse caso, mando-a para a ilha deserta que fica a cincoenta léguas da costa, onde só há feras bravias. Elas se encarregarão de fazer o que eu não me atrevo, por seguir os teus conselhos.

E assim ficou resolvido.

Clitâneo fretou logo um barco veleiro, no qual, além de quatro tripulantes, mandou embarcar o mesmo número de mulheres para acompanharem Porcina, evitando assim que ela fôsse deshonrada pelos marinheiros. O conde lembrava-se do acto canibalesco em que encontrara a infeliz e não queria que lhe acontecesse outro tanto agora.

Finalmente, passadas quarenta e oito horas, Porcina entre lágrimas das suas companheiras, era abandonada na ilha deserta, povoada, apenas, por feras brutas.

### **Porcina salva por um milagre, recupera tudo quanto havia perdido**

Entregue ao seu amargo destino, naquela ilha, onde não havia criatura humana, a desventurada imperatriz nem sequer se deu ao trabalho de a percorrer em qualquer sentido para achar abrigo, convencida de que não o encontrava.

E, num grande alvoroço da sua alma ferverosa e cheia de fé, passou em revista todos os lances dramáticos, em que se vira enovelada, exclamando numa invocação de humildade cristã :

— Meu nobre imperador! Como pudeste separar-te, para sempre, de quem tanto te presava e queria! Como durou tão pouco a nossa existência em comum! Sou, verdadeiramente, desventurada por não tornar a ver-te, meu dôce bem, minha ventura, minha saudade, minha alegria! Deus haja perdoado a Albano, como eu lhe perdôo de todo o meu coração, o mal que êle me fez! Ai, de mim que deve ter sido tão mal julgada a minha morte na corte da Hungria! Senhor, grande e poderoso, que tudo isto seja em desconto dos meus pecados!

Mal tinha acabado esta exortação ouviu Porcina um infernal barulho que a fez estremecer da cabeça aos pés. E, subindo a um penêdo para se aperceber do que era, avistou, a pequena distância, uma manada de animais bravios de todos os feitios e tamanhos que, tendo farejado a presa, vinham sôbre ela. Tão grande pavor se apoderou de Porcina que logo perdeu os sentidos, caindo no chão.

Mas, quando as feras chegavam perto do corpo inanimado, fendeu o espaço um enorme clarão que os cegou, deixando ficar petrificados, como que feridos por uma fâisca.

Então, dessa espécie de nuvem radiosa surgiu a Virgem Maria em todo o esplendor da sua beleza e suavidade. Acordou Porcina do seu desmaio, a qual, ao ver aquela aparição, se pôs de joelhos, enquanto Nossa Senhora falava:

— Nada temas, Porcina, que nenhum mal te virá! Eu sou a mãe de Deus a quem tu tens servido e amado com extrema devoção e venho em teu socôrro. Êle será contigo sempre, onde estiveres, pelos beneficios e bens que tens praticado na tua vida. Colhe algumas hervás que estão em redor de ti. Quando as coseres em água fria e, sem outra mistura, obterás um cosimento para curar muitas doenças e enfermidades, em nome do Redentor.

E, acabando estas palavras, a Virgem desapareceu envolta numa nuvem que ascendia ao céu.

Quanto aos animais nem o resto deles havia.

Porcina, não sabendo explicar, se fôra sonho ou realidade a visão que tivera, sentiu grande alegria e confiança em si mesma, começando a colher um grande braçado de ervas que estavam á sua volta.

Quando acabou de as apanhar, viu, ao longe, no mar, um navio de vela. Subiu a um penêdo e, com um pedaço do seu vestido, fez-lhe sinal. Dentro de pouco tempo, o barco ancorava junto da terra e os tripulantes corriam a informar se dô motivo por que ela se encontrava ali, naquela ilha, abandonada, onde não havia nenhuma criatura humana.

E a imperatriz narrou, singelamente, a sua aventura :

— Vindo eu com meu marido, num barco, com destino a Roma, desencadeou se um espantoso temporal e o navio, despedaçando-se de encontro aos rochedos, desapareceu com todos. Só eu escapei da morte. Por isso, meus irmãos, rogo-vos que, por Deus, me leveis a terra firme. O vosso serviço será, generosamente, retribuido.

Concordaram os marinheiros em conduzir a imperatriz, mostrando-se alegres por essa comissão.

Nessa mesma noite, Porcina hospedou se no castelo de um fidalgo, chamado Alberto, cuja mulher padecia de uma doença considerada incuravel, pois tinha já sido desenganada por todos os médicos que a tratavam.

Sabendo isso, Porcina pediu para cuidar dela, ao que o marido anuiu, porque nunca desprezava qualquer ensejo que se lhe oferecia de tentar a cura de pessôa tão querida. Ajustado isto, foi Porcina ao quarto da esposa e untou-lhe o corpo com o unguento feito das ervas que trouxera da ilha deserta.

Decorrido algum tempo, a doente, restituida á liberdade dos seus movimentos, — pois que até ali estava entrevada, — levantou-se pelo seu pé, indo ao encontro do marido que ficou radiante de contentamento.

Não sabia a mulher de Alberto como agradecer á imperatriz a sua cura, verdadeiramente, milagrosa, admirando-se, sobretudo, de ter sido feita por uma criatura nova e formosa, porque não era natural tanta sabedoria em tão verdes anos. Estavam as duas senhoras percorrendo nestas e muitas outras coisas, quando um pobre cego veio á porta do castelo pedir esmola.

Ao vê-lo, a imperatriz, movida por sentimento de piedade, untou-lhe os olhos com o mesmo unguento e, invocando o nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, o cego recobrou a vista.

Em face daquele milagre, o pobre pôs-se de joelhos, em adoração diante de Porcina. Ela, porém, fazendo-o erguer daquela posição, com muita humildade, lhe disse :

— Não fui eu que vos curei, mas sim a graça de Deus. Ide em paz irmão e não me agradeças, porque eu nada fiz.

A narração dêstes dois casos foi logo exagerada e tomou enormes proporções, espalhando-se em muitas léguas em redondo. Assim, chegou aos ouvidos de Clitâneo e de sua mulher, a condessa Sofia.

Andavam os dois esposos bastante preocupados com o horrível padecimento de Natao que parecia ter o sangue envenenado, pois do corpo, a apodrecer pela lepra, exalava-se um cheiro pestilento.

De facto, o irmão de Clitâneo, pouco tempo depois de ter cometido o bárbaro infanticídio, em virtude do qual Porcina havia sido, injustamente, desterrada para a ilha deserta, fôra acometido daquela enfermidade.

Por isso, quando o conde e a condessa souberam que, no castelo do seu parente Alberto, existia uma mulher que curava diversas moléstias, encheram-se de esperança e decidiram ir até lá! Prepararam-se para a viagem, levando Natao, com todo o cuidado, numa maca improvisada.

Quando chegaram ao castelo, era cerca da meia

noite. Alberto veio recebe-los com grande satisfação, mas não puderam avistar-se com a imperatriz que já se havia recolhido.

No dia seguinte, viram os dois esposos aparecer Porcina com o seu ar humilde e cortez, mas de tal maneira transformada que não a reconheceram.

Clitâneo contou o motivo por que viera ali confiado na fama do seu poder curativo, declarando que mil sacrificios estava disposto a fazer, para salvar daquela terrível doença o seu irmão.

—Estou pronta a tentar, respondeu a imperatriz. Vamos até onde está o doente.

As senhoras presentes, bem como os homens, naturalmente interessados, quizeram assistir e, seguiram com Porcina para onde se encontrava Natao.

O cheiro nauseabundo, que saía do quarto, fez hesitar os circunstantos, excepto a Porcina que se dirigiu, resolutamente, para a beira da cama, junto da qual fez esta pergunta ao doente :

—Quereis ser curado, meu irmão ?

Êle fez um sinal afirmativo com a cabeça, pois mal podia falar.

—Nêsse caso, haveis de vos confessar, porque Jesus Cristo não permitirá que tal suceda, antes de publicamente dizerdes os pecados que tendes na consciência.

E Natao passou logo a narrar uma série de factos culposos, sem, todavia, referir o caso mais grave da sua vida, que era a morte de um inocentinho.

Intencionalmente, Porcina volveu :

—Lembro-vos de que, se não confessardes tudo, não podereis obter nada em vosso favor, sobretudo, se houver uma falta grave que muito tivesse ofendido a Deus Nosso Senhor. Vêde bem que ainda não satisfizestes a honra de uma pessoa que se perdeu por vossa culpa, estando inocente.

Ao ouvir esta alusão, o doente soluçava e gêmia, como se lhe estivessem despedaçando a alma ; mas não respondia ás insistentes súplicas de Porcina.

Por isso, Clitâneo surpreendido, dirigiu-se a Natao:

— Que grave pecado tendes que não vos atreveis a confessar? E', porventura, tão grande que não mereça ser curado pela pessoa que vos exige, em troca, essa confissão?

E êle respondeu, mais do que aflito, aterrorizado:

— Senhor! não me atrevo a confessá-lo, sem que antecipadamente, me perdoeis, bem como vossa mulher.

— Estais perdoado — afirmou Clitâneo.

— E, por minha parte, também, ajuntou Sofia.

Cobrando um pouco de ânimo, Natao, contou, entrecortado de lágrimas, todas as peripécias que revestiam o crime da degolação do sobrinho, sem ocultar o mais pequeno pormenor.

A condessa, antes do cunhado concluir a reconstituição do crime, teve uma ligeira síncope e Clitâneo ficou como que assombrado, sem dizer uma palavra. Porém, a mulher, a quem tinham socorrido para a fazer voltar a si, quando se sentiu aliviada daquele incômodo, clamava numa grande exaltação:

— Grande malvado que com tanta hipocrisia me enganaste! Fizeste-me perder a melhor e a mais fiel das amigas e companheira. Não me pesa tanto do meu filho que, por ser pequenino e, apesar de ser a carne da minha carne, pouca falta fazia neste mundo; mas aquela pobre senhora que eu desterreí, estando inocente essa é que não me póde esquecer! Bem sei que está dado o meu perdão, mas de nada deve valer, porque, o fiz sem saber do que se tratava. Do mesmo modo, o meu marido não póde nem deve perdoar tão abominável traição!

Aqui a prudência da imperatriz procurou sossegar o espírito da condessa; mas as suas palavras não a acalmavam, de tal modo ela estava apossada da indignação mais viva. E, como no decorrer da sua exposição Porcina referisse alguns episódios relativos á vida da condessa e do seu marido, que só duma pessoa muito

Íntima podiam ser conhecidos, Sofia ficou de sobreaviso e preocupada.

Depois, atendendo melhor no rosto da imperatriz e no próprio timbre da sua voz, veio lhe, subitamente, a ideia de que aquela mulher não podia deixar de ser a sua amiga e companheira e dirigiu-se-lhe de braços abertos, pedindo-lhe perdão.

Tudo isso se passou quási num relâmpago, deixando Clitâneo interdito, pois custava-lhe a crer no que ouvia a sua mulher; mas a alegria daquela boa nova que vinha alivia-lo de um pesadelo, fez-lhe esquecer quási do crime do seu irmão, exclamando:

— Bem, não estou arrependido de ter dado o meu perdão.

E, voltando-se para a imperatriz, perguntou-lhe:

— Quereis praticar uma boa acção? Curai-o.

Porcina não hesitou. Pôs-se a untar o corpo de Natao com o unguento das ervas milagrosas, como fizera já com outros enfermos e, ao terminar, proferiu estas palavras: — «Em nome de Jesus Cristo, recebi a cura, meu irmão!» —

Assim que Natao se viu desembaraçado, mal querendo ainda acreditar-se livre de tão horrenda enfermidade foi logo dar graças a Deus, fazendo um grande acto de penitência.

Como era de prever, êste acontecimento contribuiu para deixar grande exaltação no espírito da condessa, de Clitâneo, de Alberto e de sua mulher. Sentiam-se todos dominados por aquelas demonstrações maravilhosas e surpreendentes.

Dali por diante foi a imperatriz rodeada de muitas gentilezas, porque todos queriam significar-lhe estima e render-lhe homenagens, em face dos casos de cura que se multiplicavam de dia para dia.

Não tardou que a fama de Porcina chegasse a Roma.

O imperador, que tinha o seu irmão Albano quási a morrer de uma moléstia desconhecida e penosa fol-

gou com essa notícia que vinha trazer-lhe a esperança de o salvar.

Encarregou, por isso, um duque, em que depositava a maior confiança de lhe trazer, no prazo de três dias, a mulher de quem se diziam coisas tão prodigiosas.

E o duque partiu para o castelo de Clitâneo.

Ao saber o conde por quem era procurado, veio recebê-lo com todas as deferências, porque se sentia verdadeiramente, orgulhoso com aquela visita que o honrava sobremaneira.

O duque não esteve com rodeios e perguntou-lhe logo pela dama que operava tantos prodígios.

Foram chamar a imperatriz e, quando ela apareceu, o duque sentiu-se, deveras, admirado de tanta beleza. Pela imaginação, lhe passou a ideia de que já tinha visto aquela mulher, mas não se lembrava aonde.

Seguidamente, o emissário do imperador contou a Porcina o motivo da sua viagem, que era vir buscá-la para a levar ao palácio imperial. E acrescentou, que, se a cura do irmão do imperador fôsse completa, podia contar que seria feita grande dama da côrte.

A condessa Sofia mostrou logo grande empenho em acompanhar a sua amiga e, do mesmo passo, a mulher de Alberto e os respectivos maridos demonstraram o mesmo desejo, querendo todos ir até Roma.

Organizada a comitiva, de tal modo os cavaleiros se portaram na marcha acelarada que, ao outro dia de manhã, chegaram ás portas da cidade.

Dali até ao palácio foram seguidos por enorme multidão de povo que enchia as ruas na previsão de um acontecimento sensacional, porque a noticia corra, como uma labareda, por toda a Roma.

Mostrou-se o imperador muito satisfeito com a presença de Porcina a quem prodigalizou todas as atenções, assim como a todas as pessoas que a acompanhavam.

Ela quiz ajoelhar para lhe beijar as mãos, mas êle impediu-a dêsse movimento por um gesto de extrema galantaria. E, depois, mandou servir uma lauta refeição a toda a comitiva, pois queria distinguir a todos, sobretudo, ao conde Clitâneo, cujos méritos tinha em grande conta.

Durante o banquete não despregava os olhos da desconhecida, cujo rosto não podia ver, porque ela o encobria por um denso véu. Por seu lado, Porcina fazia outro tanto, mas com a vantagem de estar mais á sua vontade, graças ao ligeiro disfarce com que se prevenira.

Terminado que foi o repasto, Porcina com desembaraço, devido, decerto ao grande prestígio que junto de Ludónio readquirira, disse, aproximando-se dele:

— Grande imperador de Roma, Senhor e Rei a quem todos devem sujeição e obediência, sabendo que estais mortificado pela doença de vosso irmão, na minha qualidade de serva submissa e humilde, ofereço-me para o curar. Com a graça de Deus, conto poder fazê-lo. Ordenai, portanto, que me conduzam aonde êle está.

Tinha o imperador mandado esparzir essências de sândalo pelo quarto de Albano, a fim de encobrir, de algum modo, o cheiro nauseabundo que do corpo dele saía, corroido de lepra, porventura, mais terrível do que a de Natao, curado já alguns dias antes.

E, assim que a imperatriz entrou, seguida de todos que tinhâm vindo com ela, o doente rendeu-lhe graças sem a reconhecer.

Porcina dirigiu-lhe a palavra nos termos mais captivantes.

— Antes de mais nada, convem que vós digais diante do imperador e desta nobre companhia, todos os pecados que contra Deus haveis cometido, porque se um só ficar por dizer, não se efectuará a cura.

Albano que, por instantes, viu nesta advertência

um grande perigo, redarguiu com extrema habilitade:

—Estou pronto a confessar-me a um sacerdote. Outra coisa não devo fazer.

—Nêsse caso, a minha vinda aqui é por demais. Não vos posso curar.

Interveio o imperador um tanto agastado com o irmão :

—Quem te curasse, agora, faria o milagre de resuscitar um morto, que, de outro modo, ninguém póde considerar-te. Não vejo, por isso, razão para occultares de nós os pecados cometidos. Acredita que, se não os disseres, me dás, com isso, grande desprazer.

—Em tal caso, perdoai-me, Senhor! o mal que vos causei que, sendo de tal sorte, não me disponho a confessar-me, sem obter êsse perdão.

Ludónio, que estava muito longe de prever o que era, respondeu com vivacidade:

—Mil que fossem, te perdoaria quanto mais um! Para mais, sendo tu meu irmão de que te arreceias?

Fez-se um silêncio especial. Depois, Albano, animado com a declaração do imperador, passou a evocar lentamente, o dia em que êle partira para Jerusalem. Em seguida, a muito custo, relatou, com todas as minúcias, o seu infame procedimento com a imperatriz, desde a entrada na camara, até á acusação abominavel que proferira diante do imperador, quando fôra esperá-lo ao caminho, a muitas léguas de Roma.

Ludónio, quando Albano terminou, estava varado pelo assombro e todos os circunstantes, viram-no empalidecer e, alheiado, exclamar como se estivesse falando consigo próprio :

— Piedoso Senhor, Jesus Cristo! fonte de eterna sabedoria, como são altos os teus mistérios!

A dor dêsse potentado engrandecia-o, deixando os espectadores mergulhados num profundo respeito, e adivinhar a tormenta que se passava na alma dele.

Depois ouviram-no murmurar com profunda tristeza :

— Como havia eu de supôr que era traído pelo meu irmão ! Mas eu é que tive a culpa, porque fui excessivamente leviano e pouco atinado, deixando-me assim enganar. Devia ter-me informado primeiro, antes de condenar uma inocente mulher, a minha querida e adorada esposa ! Ela era a luz da minha vida, o espeelho onde me revia orgulhoso ! Ai, de ti, pobre vítima ! Como tu deves ter sofrido, quando te separaste e foste para longe morrer por uma falsa delação ! E eu tão imprudente que não reparei no que fazia ! Agora, nunca mais poderei consolar-me ! Jámais terei um momento de alegria, lembrando-me, a cada momento, de que fui o teu carrasco. Abra-se a terra diante dos meus pés ! que lutem os elementos para confundirem e abrazarem aquele que tanto a Deus ofendeu ! Que a lua escureça e que não torne mais a alumiar o traidor !

E, como se isto fôsse superior ás suas fôrças, tombou para um lado com a cabeça, correndo logo alguns presentes a ampará-lo. Conduziram-no para uma sala contígua, onde logo compareceram os médicos.

Quando ao cabo de porfiados esforços nesse sentido, Ludónio se restabeleceu, a sua fisionomia tinha mudado, tal era a impressão recebida.

Então, a imperatriz achou que era chegado o momento de descobrir o seu lindo rôsto e, abeirando-se do marido, disse-lhe :

— Meu bem amado !

Ludónio olhou para Porcina, como quem não queria acreditar no que via e ouvia, e não deu sinal de ter compreendido. E ela prosseguiu :

— Deus tinha-me prometido que ainda vos tornaria a ver ! E eu lhe rendo graças por me ter dado esta grande alegria ! Agora, não me importava morrer. Aqui tendes a vossa esposa, a filha do rei da Hungria, aquela que mandaste matar. Mas, pelo amor de Jesus Cristo e de Virgem Maria não morri !

Proferindo estas palavras, ajoelhou-se aos pés de Ludónio, tentando beijar-lhe as mãos. Nisto êle, reconhecendo-a, ergueu-a e, apertando-a nos braços, desatou num choro convulsiyo que causava aflicção.

Não se descreve, facilmente, a grandeza dêsse quadro que estarreceu de assombro os presentes, principalmente, a condessa Sofia e seu marido Clitâneo, lembrando se ambos de que tinham desterrado para uma ilha deserta a inocente Porciná. Aquela mulher que os servira fielmente, era a imperatriz de Roma! Recearam ambos pelas suas vidas, pensando, com soberbos motivos, que, de semelhante culpa, não podiam ser perdoados. Deitaram-se ambos aos pés dela, suplicando perdão. Mas qual não foi a sua admiração, quando viram a imperatriz ajuda-los a levantar-se e, com uma expressão bondosa, humilde e serena, em que transparecia a sua formosissima alma, dizer ao imperador:

— Reparai, senhor, que ao conde Clitâneo devo a defeza da minha honra, porque me salvou dos malfeitores que pretendiam manchar o meu corpo, antes de me matarem por vossa ordem. O conde e a condessa acolheram-me, como amiga e hóspeda no seu castelo.

Ao ouvir isto, Ludónio mostrou se radiante e logo ali proclamou o conde grande senhor de Roma.

Por seu turno, a imperatriz, conferiu á condessa o titulo de sua camareira-mór.

Depois de tudo isto feito, o imperador determinou que o seu irmão fôsse queimado vivo, que era a única maneira de lhe dar a morte que merecia pela sua infame traição.

Mas, quando a imperatriz ouviu o seu marido dar esta ordem tremenda, prostrou-se aos seus pés, implorando que o não matasse, porque, para desgraça, bem lhe bastava a terrivel enfermidade de que soffria.

E o imperador condescendeu em face dos rógos da sua mulher, pois não se atrevia a negar-lhe o que ela pedisse.

E, então, para o triunfo admiravel da sua obra, a

imperatriz voltou ao quarto de Albano e untou-lhe todo o corpo com o unguento milagroso.

Quando, finalmente, aquele semi-morto recuperou a saúde, Ludónio reconheceu, mais uma vez, a fôrça, das virtudes da sua mulher que era uma verdadeira santa.

Albano foi, d'aí por diante, um homem piedoso e crente, vindo, mais tarde, a morrer como um justo.

Em ação de graças por êste grande acontecimento, o imperador mandou celebrar festas e procissões em toda a cidade de Roma, tomando o povo uma parte activa na felicidade dos imperiais consortes, cujas virtudes os tornavam amados e queridos.

F I M

OBRAS Á VENDA NA  
**LIVRARIA BARATEIRA**  
34, RUA DO DUQUE, 36 — LISBOA

**Livros de Aventuras:**

Proezas de Raffles, 12 num. a \$75. Texas Jack, 100 num. a \$50. Capitão Morgan, 35 num. a \$50. Stærte-Becker, 20 num. a 1\$00. Novela popular 20 num. a 1\$00. Novela policial, 3 num. a 1\$00. Sir Fantasm, 14 num. a \$50.

**Colecção do Povo, a 2\$00:**

*Agua Passadas*, S. Tavares; *Amôres Trágicos*, E. Battaglia; *Arte de explicar os sonhos*; *Amor, as mulheres; as mulheres e o amor* (pensamentos de Camilo), *Banco Fantástico*. *Angola e Metropole*, novela social por E. Battaglia; *Canção de Portugal*; *Cincoenta Sonetos*, A. de Sousa; *Culpa dos País*, P. Escrich; *Crime de um Anarquista*, E. Battaglia; *Despresado*, memorias do auctor do «Marquez da Bacalhôa» por C. dos Santos; *Escravos do Amor*. por J. da Silva Godinho; *Espirito Errante*, por C. Babo; *Francês sem mestre*; *Fados e Canções*; *Guia da Cosinheira*; *Guitarra do povo*; *Histórias da Avosinha*; *Historias da Carochinha*; *Historia dos Grandes Criminosos*; *Livro dos Namorados*; *Magdalena*, H. P. Escrich; *Mil anedotas para rir*. *Misterios da Inquisição*; *Não há Deus nem alma*, E. Battaglia; *Paulo e Virginla*, B. S. Pierre; *O que é casamento*, por H. de Balzac; *Romeu e Julieta*; *Registo duma cocôte*, satira politica, E. Battaglia. *Rosa Selvagem*, G. Maldague; *Ubirajara*, J. de Alencar; *Ultimo dia de um conuenado*, V. Hugo; *Uma Casa de Malucos*, P. Kock; *O vosso futuro lido pelas cartas*.

**Colecção nacional, a 1\$00:**

*Branca-Flôr*, D. Ignez de Castro, Rainha S. Izabel, Padeira de Aljubarrota, *Cartas de amor de Soror Mariana*, *O milagre de Fátima*, João de Calais, *Touro Azul*, *Aventuras de Bertoldo*, *Hist. da Princeza Magalona*, *Historia da donzela Teodora*, *Marquez de Pombal*, *Vasco da Gama*, *Vida de Cacasseno*, *Dicionario das Flores*, *Grande Roberto do Diabo*, *Disparates em verso*. *Pensamentos, proverbios e sentenças*, Carlos Magno, *Antigas aparições de Nossa Senhora em Fatima*.

**Obras Diversas:**

*Oraculo, a leitura da vossa vida*, Burton Vance, 3\$00 A mesma dividida em 12 fascic. mensais, cada fasciculo \$50. *Postais de arte em Portugal*, colecção de 10 postais com vistas da Batalha, 1\$50. *Para se apreciar devidamente um automovel*, illust. 72 pags. 1\$30. *Pupilas do Sr. Reitor*, J. Diniz, br. 7\$50. *Quadras á minha guitarra*, A. Arriegas, \$50. *Quo Vadis*, romance, H. Sienkiewicz, 3\$00. *Rosa do Adro*, M. M. Rodrigues, br. 7\$50 enc. 12\$50. *Reportorio* de mono ogos, duetos, cançonetas, tercêtos e poesias, 5\$00. *Revista de Teatro*, 10 variedades a 1\$50. *Recordando*, contos, T. de Mello, 3\$00.

OBRAS Á VENDA NA  
**LIVRARIA BARATEIRA**  
**34, RUA DO DUQUE, 36 — LISBOA**

**Obras Diversas:**

*Segredo do Banco Falsário*, sensacionais revelações sobre o caso do Angola e Metropole, 1\$00. *Segredos da Musa*, Freitas da Camara, 5\$00. *Semana infantil (O Carlitos)*, o jornal dos adolescentes, 10 variedades a \$50. *Três primores*, Ivan Tourgueneff, 3\$00. *Amor de Perdição*, C. C. Branco, broch. 7\$50 enc. 12\$50 ed. de luxo 15\$00; *Aquæ Meris*, D. Carlos I perante a historia cosmica, E. Battaglia, 3\$00; *Aguas Claras*, frases de amor e de saudade, O. Marçal, 5\$00; *Arte de bem morrer*, A. Ferro; *Barabás*, romance cinematográfico, M. Level, 6\$00; *Batalha de Flores*, António Ferro, 2\$50; *Caça aos submarinos*, heroico e emocionante episodio da Grande Guerra, \$50; *Carlitos*, publicação infantil, cerca de 50 variedades, \$50; *Contos para as crianças*, A. Figueirinhas, cart. 8\$00; *Contos das crianças*, A. Figueirinhas, cart. 8\$00; *Contos das crianças*, 6\$00; *Contos para os nossos filhos*, M. Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo com 100 gr. br. 10\$00; enc. 15\$00; *Camilo*, a sua vida o seu genio, e a sua obra, P. Osorio, 12\$50; *Catecismo da doutrina christã*, 1\$00; *Crime da estrada do pinhal da Azambuja*, por A. Patricio, \$50. *Dicionario da antiga linguagem portuguesa*, H. Brunswick, 5\$00. *Doceira Familiar*, 3\$00; *D. Quichote de La Mancha*, 5\$00. *Dicionario popular*, 1458 pags., contendo a moderna e antiga ortografia, A. Moreno, enc. em percalina 25\$00. *Entre precipicios*, cronicas politicas dos ultimos tempos, C. Malheiro Dias 3\$00. *Enciclopedia das Familias*, revista ilustrada, 50 numeros diferentes, a \$30. *Familia Inglesa*, J. Diniz, 7\$00; *Grandes tragicas do silencio*, Antonio Ferro 1\$50; *Historias para crianças*, 6 variedades com 6 grav, a cores, cada historia, \$80; *Idade do Jazz-Band*, Antonio Ferro, 1\$50; *Idolos de barro*, por F. Dias Sancho 2\$00. *Inglez sem mestre*, por Charles Roquette, 4\$00; *Impressões Várias*, subsídios para a historia do 19 de Outubro, por M. de Jesus Campos, 4\$00; *In Memoriam Angela Pinto*, 5\$00; *Imagem do Sonho e da Ventura*, por Orlando Marçal, \$50; *O verdadeiro livro de S. Cipriano*, edição completa 7\$50. Livro de M.<sup>me</sup> Brouillard; *Divinação do passado, presente e futuro*, 3\$00; *Livros para apontamentos*, 160 pags. pautadas, 1\$50; *Luziadas*, comentados, por E. da Silva Dias, 2 vols. 20\$00; *Meus pequeninos*, Teatro infantil e canções de gesto, musica de E. Cabreira, versos de O. Cabral, 7\$50; *Manual do fogueteiro*, ou arte dos fogos de artificio, carton., 3\$00; *Manual da Formosura*. Os segredos da Mulher, condessa d'Arley, 2\$50; *Memorias de Eduardo Brazão*, 5\$00; *Mulher do lar*, E. de Sousa Costa, 5\$00; *Mundo Novo*, rom. por Ana de Castro Osorio, 12\$50; *Novo método pratico*, para aprender a ler, escrever e falar a lingua inglesa por Jacob Bensabat, 8\$00 cart. 10\$00; *Novo método pratico*, para aprender a ler, a escrever e a falar a lingua franceza, por Jacob Bensabat, 8\$00 cart. 10\$00; *Marquez de Pombal*, M. Caldas Cordeiro, \$50; *Neurastenia*, por F. de Sousa, 2 vols. 5\$00; *Narcoticos*, 2 vols. por C. C. Branco, 1 5\$00.